



Evento	Salão UFRGS 2015: SIC - XXVII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2015
Local	Porto Alegre - RS
Título	Níveis de Histamina Plasmática e Frequência e Intensidade de Lesões Gastroduodenais em Cães com Mastocitoma Cutâneo
Autor	LUCIA HECHTER
Orientador	DANIEL GUIMARÃES GERARDI

NÍVEIS DE HISTAMINA PLASMÁTICA E FREQUÊNCIA E INTENSIDADE DE LESÕES GASTRODUODENAIIS EM CÃES COM MASTOCITOMA CUTÂNEO
LÚCIA HECHTER - Aluna de graduação em Medicina Veterinária- Universidade Federal do Rio Grande do Sul/RS.

ORIENTADOR: DANIEL G. GERARDI - Universidade Federal do Rio Grande do Sul/RS.

O mastocitoma é o tumor de pele mais diagnosticado em cães. Os sinais clínicos associados à presença da neoplasia, são, frequentemente, secundários à liberação de histamina, heparina e outras substâncias bioativas contidas no interior dos mastócitos neoplásicos. Em decorrência da ação sistêmica destas substâncias, a ulceração gastrointestinal (GI) é uma complicação significativa, com estudos sugerindo uma prevalência de 83% em achados *post mortem*. Os mecanismos de ulceração GI não foram completamente elucidados, entretanto, sugere-se que possam estar relacionados à elevação nos níveis de histamina plasmática. Sendo assim, o presente trabalho avalia a ocorrência de lesões GI em caninos com mastocitoma cutâneo, buscando relacionar seu aparecimento com o surgimento e gravidade de sinais GI e valor de histamina plasmática no momento do diagnóstico.

Para tal, foram utilizados 41 cães da rotina clínico/oncológica do Hospital de Clínicas Veterinárias da Universidade Federal do Rio Grande do Sul com diagnóstico confirmado de mastocitoma cutâneo. Os cães inclusos no estudo foram avaliados clinicamente e, se considerados aptos, posteriormente, foram submetidos à cirurgia para exérese do tumor e exame endoscópico para avaliação do trato gastrointestinal. Todos os cães foram avaliados para presença e a gravidade dos sinais clínicos GI segundo escala proposta por Cascon (2011), modificada para o presente estudo. Histologicamente, as amostras coletadas durante exame endoscópico foram avaliadas segundo os critérios propostos por Day et al. (2008). Na data do procedimento cirúrgico, uma amostra de sangue venoso foi coletada para obtenção de plasma, sendo o plasma separado e congelado a -80°C até a sua análise. Para a determinação quantitativa de histamina *in vitro* utilizou-se um teste de ELISA de competição (Histamine ELISA, IBL Internacional, Hamburg, Germany) com limite de detecção 0,02ng/ml. A dosagem de histamina plasmática foi realizada em 40 cães com mastocitoma, e em 18 cães considerados saudáveis (grupo controle).

A concentração plasmática de histamina apresentou uma distribuição assimétrica, portanto para as análises estatísticas, considerou-se a mediana de maneira a evitar influência dos extremos. No grupo controle, a mediana da concentração plasmática de histamina foi 0,0975 ng/ml (intervalo interquartil 0,0097-0,4644), sendo o valor mínimo inferior ao limite de detecção do teste e o valor máximo 1,7293 ng/mL. A mediana da concentração de histamina plasmática observada no grupo dos cães com mastocitoma foi de 0,0160 ng/ml (intervalo interquartil 0,0003-0,1497), sendo o valor mínimo inferior a 0,02ng/mL e o valor máximo 2,5675 ng/mL. Diferenças estatísticas significantes não foram observadas entre a concentração plasmática de histamina em cães com mastocitoma e nos cães do grupo controle. A análise macro e microscópica da mucosa gástrica e duodenal, não evidenciaram lesões compatíveis com ulceração em nenhum dos cães avaliados. Sendo assim, na população estudada, as lesões gastroduodenais observadas foram consideradas leves no momento do diagnóstico e não apresentaram relação com o valor de histamina plasmática, sugerindo que outros fatores possam influenciar a degranulação dos mastócitos neoplásicos e, conseqüente aparecimento de lesões GI em cães com mastocitoma cutâneo.